



TYPO DE BELLEZA

Ilustração
PORTUGUEZA

N.º 265 Lisboa, 29 de Março de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 18200—Semestre, 28400—Trimestre, 18200

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA

Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES
Redacção, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão: RUA DO SESTO, 10.

Eu curo a Quebradura

Sem ulterior uso de funda

Quem for quebrado, ou sonher d'alguem que o seja, deve interessar-se pelo meu methodo de cura. O meu plano differre de todos os outros, por isso que não só contém toda a especie de quebraduras de uma forma continua e segura e com perfeita commodidade, mas faz formar-se um novo tecido na abertura da quebradura, unindo a ruptur-a e produzindo uma cura absolutamente perfeita e permanente. Nenhum outro methodo dá este resultado.



Tenho provado varias vezes que posso curar a quebradura, ainda mesmo depois de duas operações não terem dado resultado. Os meus doentes curados tem soffrido experiencias e reconhecimentos medicos dos mais minuciosos, tendo sido averiguada o corollido da cura. Nenhum quebrado é muito novo ou muito velho, para se sujeitar ao meu methodo. Nenhuma quebradura é tão má que se não possa curar.

Entre os milhares de pessoas que se tem curado, contam-se o sr. Polycarpo Garcia Moraes, Arenal, 26, sobreloja, Madrid, dupla quebradura; sr. Delphin Garcia, s. Pedro de la Traversera, Barcelona, de quebradura escrotal irreductivel; e o sr. Bernabé Felto, Calle Baja, Caspe, provincia de Zaragoza, que foi curado com a idade de 39 annos e que diz: «Estou completamente curado e já não uso funda. Dou-lhe os meus agradecimentos pelo grande cuidado que tem pelos seus doentes.»

Escrevam-me, sem perda de tempo, pedindo-me completas informaçoes acerca do meu methodo e enviarei uma amostra gratuita do meu tratamento, franca de porte. Escrevam-me em seguida, antes que a sua quebradura comece a estar estragada e que uma operação seja o unico meio—e não certo—de salvar a vida.

Dr. Wm. S. RICE (S. 393) 8.9 STONECUTTER STREET LONDRES, E. C., INGLATERRA

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromantia e physiologista da Europa



MADAME Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, chronologia e physiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrze, d'Arpenligny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem pedia-se a queda do Imperio e todos os

acontecimentos que se lhe seguiram. Falia portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 sobre-loja—LISBOA. Consultas a 1000 rs., 2500 e 3500 rs.

LOÇÃO DEQUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS Unico producto scientifico apresentado na Academia de Medicina de Paris contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabeludo. **L. DEQUEANT** Pharmacien 38, Rue Clignancourt, Paris. **EM LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros, a quem deve dirigir-se para todas as informaçoes gratuitas.** A Venda em todas as boas casas do PORTUGAL.

Os Cinco Ultimos Perfumes

Rêve d'Ossian
Convoitise
Jardins d'Armide
Eillet Louis XV
Age d'Or

PERFUMARIA ORIZA
L. LEGRAND
11, Place de la Madeleine
PARIS
14-15, Conduit Street, LONDON



CRÈME SIMON

PARA
conservar o dar
ao rosto
**FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.**



Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosfera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benefica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE D'OR, Paris 1900
J. SIMON, 59, rue du faubourg **PARIS**
Saint-Martin
PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Cabelleiros.

Desconfiar das Imitações.

Estomago

O carvão naphitolado granulado da **Companhia Portuguesa Hygiene** é de grande efficacia nos casos de dyspepsia, dilataçao do estomago, embaraço gastrico, digestões difficéis, flatulencia, diarrhéas putridas e em geral nas fermentações estomacales. Frasco, 500 réis.

Pharmacia: ROCIO, 60 a 63—LISBOA

Laxatina

Contra a PRISAO do VENTRE

E' o medicamento mais suave, econo-

mico, efficaz e inoffensivo para adultos e creanças. Caixa 240 réis. **COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE.** Pharmacia: ROCIO, 60 a 63—LISBOA

A RECEPÇÃO DO NOVO MINISTRO DE PORTUGAL
PELA COLÔNIA PORTUGUEZA DO RIO DE JANEIRO



1—A direcção do Gremio Republicano Portuguez
e o ministro de Portugal
2—Um aspecto da sala do Gremio Republicano Portuguez
do Rio de Janeiro durante a sessão solemne
em honra do novo ministro de Portugal



Na Legação de Portugal
(Clichés de A. Barros Lobo)

A FESTA DA ARVORE

NA AVENIDA

DA LIBERDADE



As creanças das escolas primarias de Lisboa assistiram em 5 de Março á festa da arvore que se realisou na Avenida da Liberdade onde, n'um dos talhões, foi plantada uma formosa larangeira no meio da estonteante alegria da pequenada que esteve depois na Sociedade de Geographia n'uma sessão para solemnisção do facto.



1—O cortejo das escolas conduzindo procissionalmente a larangeira
2—O cortejo descendo a Avenida



1—A plantação da laranjeira em frente da rua do Salitre
 2—Aspecto da sala Portugal da Sociedade de Geographia durante
 a sessão solemne commemorativa da festa da arvore
 (Clichés de Benollel)

COMO NOS DEVEMOS ALIMENTAR

POR MADAME BELDA POTOCKA

AS BEBIDAS—A AGUA—A FUNÇÃO DA AGUA NO ORGANISMO
— O CHÁ E O CAFÉ

A sede adverte-nos que o sangue circula demasiado espesso ou contém substancias que carecem de ser eim'nadas. A bebida não deveria servir senão para apaziguar a sede. A sua missão physiologica é essa: e a agua pura e fresca é o melhor antidoto da sede. Nnguem pôde privar-se de agua. A creatura humana que experimentasse alimentar-se eliminando por completo a agua da

cula, levando aos tecidos os alimentos que lhes são necessarios, ao mesmo tempo a agua lava-os e purifica-os, transportando os residuos que elles fabricam para os órgãos expulsôres. E' condição essencial para a vida da materia o duplo concurso do mineral que anima a albumina e da agua que vivifica o mineral. A função da agua no organismo é, como se vê, da mais alta importancia. Um



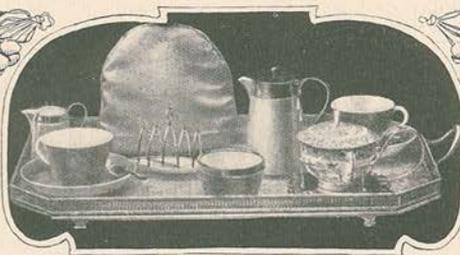
«A merenda no rendez-vous de caça» quadro de Van Loo

sua nutrição morreria n'um brevíssimo praso—muito menor do que privando-se dos restantes alimentos e bebendo agua unicamente. Na constituição do nosso organismo a agua entra na percentagem enorme de 60 %. O sangue não é na realidade senão agua com glycose, peptona, etc., em solução. Constituinto a sua parte liquida, que constantemente cir-

dos processos mais efficazes para conservar a saude consiste na renovação periodica de uma parte d'essa agua organica, promovendo com ella uma grande drenagem no organismo, activando as suas funcções antisepticas e purificadoras. Um banho de luz, todos os mezes, equivale a um verdadeiro banho geral interno. Afluindo á epiderme, a agua lava, na sua

passagem, todas as visceras e tecidos, expellido na exudação todas as suas impurezas.

As perdas do organismo em agua, representadas pela transpiração do banho de luz (que pôde regular-se á vontade,) são rapidamente compensadas e suppridas pela alimentação. N'esta, os legumes e as fructas, que são, conjunctamente com o leite, de todos os alimentos os que contêm maior quantidade de agua, devem ser largamente adoptados.



se pôde ir procurar apenas aquelles alimentos a compensação total d'aquellas perdas. A agua é indispensavel. Inteliz-

mente, a agua das cidades não é a agua ideal dos hygienistas. Introduzida nas casas em tubagens de chumbo ou ferro, corroendo-as gradualmente, a agua metalisa-se, adquirindo excessos de mineralisa-se, anormaes e de natureza toxica, inassimilaveis. E' de bom preceito não consumir na alimentação a agua que per-



«Os borrachos» quadro de Velasquez

Alguns hygienistas chegam mesmo a negar a necessidade de se ingerir agua que não seja a contida naturalmente no leite, nos legumes e na fructa. Porém se attendermos á quantidade consideravel de agua evaporada do organismo pelos esforços musculares do trabalho e pelo calor athmosphérico, é facil verificar que não

maneceu durante a noite nas canalisações, reservando-a para a lavagem de roupa, de soalhos, etc.

A melhor de todas as aguas é a da chuva. Nem sempre porém ella se pôde utilizar, desde que para a obter é condição essencial que chova. Filtrada, a agua canalizada nas cidades pode ser usada sem receio pelos mais

meticulosas Aguas de poços, essas nunca se devem beber. São com frequência contaminadas. D'ellas provem a maioria das febres typhoides.

A quantidade de agua que deve beber-se está na razão inversa do leite, das fructas e dos legumes ingeridos.

Não falando por agora nas bebidas alcoolicas, de que trataremos em capitulo especial, em Portugal faz-se um grande consumo de chá e de café.

Tanto um como outro são bebidas excitantes. Preferiveis ao alcool, estas bebidas aromaticas, quando se não

prolongada. O alcaloide que dá ao café as suas propriedades caracteristicas é a cafeina. Na sua composição entram tambem o acido tanico, n'uma percentagem de 3 a 4 %, e pequenas quantidades de gorduras e hydratos de carbone.

O effeito physiologico da cafeina constitue um estimulante do systema nervoso em geral e em particular da actividade mental. Por isso mesmo deve fazer-se um uso moderado do café, tomando-o uma só vez ao dia, sem leite, quando de todo em todo



A fonte publica

usam em excesso, não podem considerar-se² prejudiciaes. Comtudo as pessoas nervosas, as debeis e as creanças devem abster-se por completo d'ellas.

O chá deve ser preparado de infusão e tomado á ingleza, muito quente. Deixando-o ferver por mais de 3 ou 4 minutos fica saturado de tanino, perde as suas qualidades digestivas e affecta as mucosas do estomago, contribuindo para provocar dyspepsias rebeldes.

O café é menos digestivo que o chá. Em compensação a excitação que provoca é menos violenta e mais

se não possa passar sem elle diariamente. O uso tão generalisado do café com leite pela manhã deveria ser corrigido, organisando o pequeno almoço com fructas ou com um ovo quente e leite. O creme de arroz e o creme de cevadinha do dr Griffiths constituem tambem refeições excellentes para o almoço da manhã. O chocolate é nutritivo mas indigesto. Não se torna recommendavel para um uso constante. Considero-o dispensavel n'um regimen correcto de alimentação.

SELDA POTOCKA.

O ENVIADO DOS CONSPIRADORES DO BRASIL?

A bordo do *Aragon* vinha com destino a Cherburgo Arthur de Vasconcellos Veiga Faria, que se intitulava medico e fôra indicado pela policia brasileira como o delegado dos conspiradores que pretendiam fazer a restauração da monarchia em Portugal. O consul inglez auctorisou a prisão do conspirador a bordo do navio da sua nação e uma vez internado no Limoeiro averiguou-se que tivera em Portugal uma vida crapulosa tendo sido condemnado por furto e sendo o seu verdadeiro nome Arthur Pereira Veiga.

Ao cabo de varias proezas em Lisboa, Braga e Aveiro, part'ra para o Brazil, onde continuou a sua existencia de expedientes, parecendo que servira de intermediario na conjura com intuitos de explorar a boa fé d'alguns monarchicos re-



A' entrada do Limoeiro: Arthur de Vasconcellos Veiga Faria com o tenente Ochoa da policia e o agente Figueiredo sidentes no Rio de Janeiro.

(Gliché de Benolle)

A Moda

CONSIDERAÇÕES-A-
PROPOSITO-DA-SAIA-CALÇÃO



1—A saia calção na América: A audácia da mulher americana a mais uma vez se evidenciou na adoção imediata da nova saia (Cliché Delfus)

2—Um modelo dos proximos vestidos de verão da casa Bechoff-David (Cliché Felix)

A deusa ubere da moda, para a qual se não esgotou nem esgotará jámais a estranha phantasia, proporcionou este anno ao bello sexo, que ella tortura no espaço de cada estação com a expectativa dos seus imprevistos, mais um novo modelo de vestuario para as ociosidades da rua.

O modelo cahiu no mercado com estrondo insolito; agitaram-se as massas, aguçaram-se as curiosidades. E, o que é mais, acordou assolapadas reminiscencias das primeiras edades humanas, fazendo sahir da apparente civilisação muitas creaturas em affirmações de selvageria.

E' o que me relatam os telegrammas vindos de Hespanha, onde umas senhoras, confiando sem duvida no que o seu espirito concebe pelas apparencias, julgaram que, viver no seculo xx, e na Europa, não é a mesma coisa que viver na Hotentotia e partes adjacentes, e usando de um direito, que não offende os direitos dos outros, sahiram para a rua ostentando a saia-calção.

Engano; pois tanto bastou para que al-



guns individuos, aquecidos pelo sol civilizador do seculo xx, cahissem desapietadamente sobre ellas, enchendo-as de insultos e vaia. Primeiro symptoma.

No entanto, a occorrença não passaria de um incidente sem importancia, se a classe culta se não dispuzesse tambem a causticar o que ella, em sua sabedoria julga ser obnoxio, e, quiçá, destemperado, como se deprehe de outras noticias recebidas de varios pontos da Europa, sem excepção de Paris, a grande feira de todas as orgias do gosto e de todos os conflictos do vestuario. E isto é um segundo symptoma digno de maior attenção.

Confessâmos sinceramente, que este procedimento nos não enaltece, e que é um triste signal dos tempos, uma profunda machadada nas nossas illusões civilisadoras. Mas, mais que isso, a violencia commettida, reveste as formas d'um crime social.

Chamamos-lhe assim, porque a moda deve ser considerada mais que sobre o ponto de vista de um direito—o enaltecimento da belleza, mas como factor economico de grande valia.

O que seria da industria e do commercio se a mulher se descuidasse dos seus enfeites, ou lhe annullassemos no seu espirito a ambição de augmentar os seus encantos?

A civilisação, exprimindo-se por movimentos continuos e crescentes, o que seria d'ella se em qualquer das suas modallidades, se estabelecesse a inercia ou a fixidez? Alterar, fundir, refundir, destruir, reconstruir é a caracteristica do progresso. Na sciencia, na litteratura e nas artes todos os dias se assiste a alterações profundas e discordantes dos themas concebidos.

E' que a insaciavel phantasia humana, aancia do imprevisto, do novo e do original vivem no homem como apanagio da sua propria essencia.

Fundado, pois, em que principio ou regras de arte ou de bom senso se ha de atacar esta fuga da imaginação?

Em nome do disparate? Mas o que é o disparate? Quem tem a louca pretensão de o definir?

Em nome da moral? Mas a

saia-calção não é uma obscenidade Em nome da esthetica?

Mas, por Deus, o que é a saia-calção, comparada com as anquinhas da regencia ou o ba-lão do segundo imperio?



1—Um vestido Luiz XV
2—Uma outra extravagancia da moda
(Modelo da Cartier)
(Gliché Felix)



E, no entanto, estas duas criações da moda, tiveram os seus apaixonados, os seus poetas e os seus pintores.

Não falemos, pois, em nome da esthetica. A Belleza é por sua essencia absoluta. O esforço do homem em a attingir segue seus caminhos, qual d'elles o mais variado e discordante, ao sabor do seu temperamento, do seu impressionismo ou da sua escola. E quem poderá dizer qual o que acertou no caminho escolhido?

Pelo facto da concepção realisada conflagnar com as nossas idéas adquiridas, ou systemas consagrados, não pôde a verdade estar do lado do inovador?

Quem não conhece a odysséa da obra de Wagner, as celeumas levantadas sobre o theatro de Victor Hugo? Foram acaso logo tidos e havidos como immortaes os dramas de Shakspeare?

A obra de Miguel Angelo e de Raphael deslumbra-ram de inicio a humanidade? A con-



quista do solio do genio tem sido coisa facil ao maior escultor da linha da vida —Rodin?

Concordamos que o temperamento forte, exuberante, pôde preferir as planturosas carnações de Rubens, á avelludadas e carinhosas de Ticiano; que uma alma mystica se agasalhe melhor nos

acetismos de Ribera que no paganismo de Guido Reni; que haja quem prefira as violencias de Miguel Angelo ás sobriedades de Bernini ou ás serenidades de Canova; a graça voluptuosa de Praxitelles aos naturalismos de Lysippo; mas, por este facto, não se ha de negar o que de grande ha nos artistas, cujas creações se não amam, e se deixe de respeitar

engenhosa creadora, que fartamente suppre a natureza nos seus labores de embelezamento.

A natureza nos ensina o bello na variedade das fórmas dos animaes, na phantasia da plumagem das aves, nas nuances das flôres, das folhas e dos fructos, nos contrastes das côres da vegetação. etc. Para a especie humana realisou



A sala calção empregada no

a sua obra, como expressão de belleza.

Em nome do que nós temos a falar é do espirito de cada epoca, de que a linguagem, como a arte, reflecte as tendencias e os aspectos e forma o estylo. E tão agudo é no seu entendimento, que muitas vezes precede a consciencia dos povos Quem pôde, pois, dizer que a moda actual não representa o característico da nossa epoca ou o venha a caracterisar.

Dizia Descartes, que só acreditaria na realidade quando tivesse provado a existencia de Deus, e Kant que de tudo duvidaria enquanto não descobrisse o Dever.

Ha alguém que encontrasse já o absoluto d'estas duas noções?

Se assim são relativas as coisas da vida, se o mundo não é senão symbolo e sonho, a razão não pôde aconselhar protestos, e despoticos, perante as creações da nossa imaginação.

Podemos não gostar, mas devemos respeitá-las, como obra de esforço em attingir o bello ou satisfazer a civilisação . .

Sob o aspecto especial da belleza, a moda impõe-nos mais outra conducta—a da gratidão, pois gratos temos que ser para com a

skating—(Cliehé Dellus)

ella o seu maximo esforço de belleza, creando a mulher, mas sem mais atavios que a nudez impecavel das formas, e a simplicidade sublime dos seus contornos.

E assim adorou a antiguidade a radiosa *Anadyomene* e a colheu e envolveu nas suas caricias, nos seus jogos, nos seus prazeres, nos seus amores e na sua religião.

Mas a introdução nos costumes da moral christã, roubou a companheira dos jogos fecundos da vida planturosa occultando sob os impenetraveis estofos, a joia preciosa da criação, com o pretexto de que a carne era o diabo.

Então a mulher que instinctivamente sabe o seu grande destino na vida e, conhece o thesouro infinito que tem no seu corpo, teve de procurar r'outros aspectos de si mesma a fórma de dulcificar-nos a existencia e compensar-nos da impossibilidade de a contemplarmos na sua luminosidade natural

A moda surgiu como resposta á violação da natureza, como *modus vivendi* á victoria da moral. Era logico. Se a natureza engalana os prados e os vergeis, se faz florir os jardins e os hortos, se varia as tonalidades do firmamento e

São já tão poucos os deuses para entreter a nossa imaginação e os nossos ocios; o positivismo da vida cerceou tanto a corrente dos deliciosos e simples prazeres, que se a mulher não preenche este vazio com os recursos inextinguíveis da sua phantasia, condemnados estaremos ás nostalgias que invadiram o nosso primeiro paé.

Não paguemos com ingratidão o bem recebido, este sonho compensador das nossas desillusões, de ca-

da hora; deixe-se correr o caudal de delicias que ella sobre nós entorna, quando passa perfumada, rutilante de joias, esplendorosa de sédas, de mil frivolidades estranhas, mas preciosas.

Com calção, *travadinha*, saia mais curta ou mais comprida, afogada em pelles ou aligeirada em linhos, que venha para a rua, contanto que nos dê sempre a nota viva e luminosa da

Belleza, de que é a mais acabada realisação; e coalhe de graça, de harmonia, de magestade e de amor, a nossa alma a resequida pela amargura, e arrancada a o contacto e ao halito perfumado da natureza simples e espontanea.

O que pensará de nós o leitor que lêr estas palavras? Para tirar-lhe todos os pensamentos suspeitosos, deixaremos falar Renan que, parecendo ter a visão das occurrencias actuaes, assim se exprime:

«Não nos deixemos perder por certas palavras de pessoas frivolas. Concede-se a palma do genio ao artista grego que soube resolver o mais delicado dos problemas, ornar o corpo, isto é, a propria perfeição, e não se quer ver senão um negocio de farrapos no ensaio de collaborar na mais bella obra de Deus, na belleza da mulher?»

A *toilette*, com todos os seus requintes, é uma grande arte a seu modo. Os seculos e os paizes que sabem d'isso tirar partido são, os grandes seculos e os grandes paizes, e o christianismo mostrou pela exclusão com que feriu este genero de entretenimentos e trabalhos, que o ideal social que concebia não se tornaria o quadro d'uma sociedade completa, senão mais tarde, quando a revolta dos *gens du monde*, quebrou o jugo estreito imposto primitivamente á seita, por um pietismo exaltado.»

São estas as palavras do grande oraculo que eu trago em minha defeza, para que sobre mim não caia a maldição do senso commum (?) ou me não azorraque o riso escarninho d'esta patasca civilisação.

JOÃO FERREIRA.



da vegetação; se artista sublime, encontra na chimica misteriosa da terra as côres para os topasios, esmeraldas, saphyras, turquezas e rubis; se na chimica da vida acha os tons para as plumagens, se toda esta irisação fulgurosa se apresenta como dogma necessario ao prazer dos sentidos; porque não ha de a moda procurar na chimica do pensamento todas as combinações possíveis para fazer, pela variedade do vestuario,—que é uma segunda natureza—a symphonia harmoniosa da belleza social?

Se a mulher nasceu para a graça, para a seducção e para o amor; se, por seus destinos, e a nossa alegria de viver, porque não ha de ella, como quizer, enflorar, realçar a sua formosura, já que não pôde, como n'outras eras, deixar-se admirar sob a tunica de alvo linho?

Perdoemos-lhe as phantasias, ainda as mais estranhas do seu enfeite, visto que ella não faz isto senão no louvavel empenho de se tornar mais querida, e por tanto de nos encher de mais luz a alma e de mais caricias o coração; deixemol-a entregue a todas as combinações do côrte e da côr, visto que ella tudo isto tece e ordena para se deificar aos nossos olhos.



1—Um modelo de saia-calção—(Cliché Delius)
2—Vestido de verão, modelo da casa Varley
(Cliché Felix)

UMA CIDADE DE TUBERCULOSOS

Não é muito longe. O *alfacinha* que abandonando a sua rua do Ouro, tome na estação do Rocio o *sud-express*, ás nove e quarenta e cinco de uma manhã, para, passadas trinta e cinco horas, o deixar no

Quay d'Orsay; que atravesse Paris d'um salto, entrando na *Gare de l'Est*, vinte minutos depois, no comboio que o levará até á fronteira suíssa; que, finalmente, em Basel se mude para um dos trens federaes, onde correrá mais quinze horas, estará, depois de cincoenta horas de viagem, na cidade dos tuberculosos:—*Davos-Platz*.

Imagina-a, tristemente, um grupo de pequenas casas de madeira, abrigando-se aos edificios de meia duzia de Sanatorios, grandes e frios como hospitaes, a esconder dentro das suas paredes,

dezenas de tuberculosos lividos e esqueléticos, tossindo os pulmões aos pedaços, e vomitando em golphadas, o sangue anemico...

Foi pensando assim de Davos, que eu, n'uma tarde fria de Dezembro, abandonei o comboio que aqui me trouxe, para tomar um pequeno e elegante trenó que deslisou commigo por sobre a neve endurecida das ruas, ao trote rapido do cavallo emplumado, a agitar, cantantes, os pequeninos *sinos* da guizeira.



1—Um trecho da rua principal de Davos-Platz 2—Davos-Platz



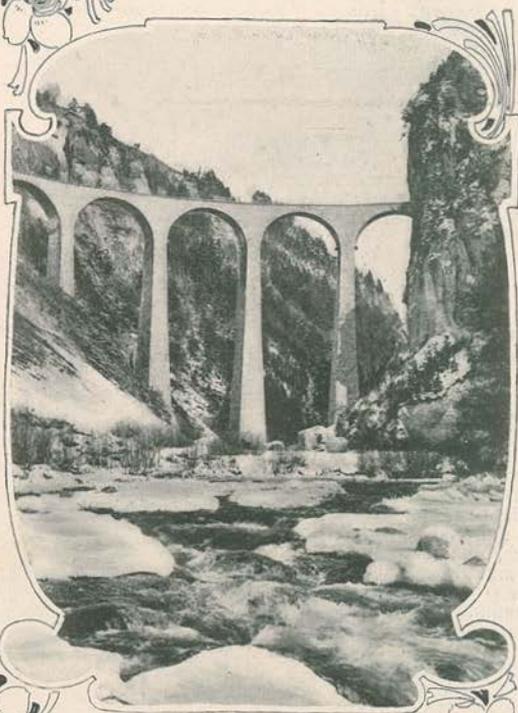
Ligado a Davos-Dorf, agrupamento de casas de saúde que se lhe continúa, Davos-Platz é uma pequena cidade nascida no centro dos Alpes Phéuticos, a mil quinhentos e sessenta metros de altitude, no cantão de Grisons, cantão suíço que se encosta ao Tyrol, ligando-se pelo sul com a Itália.

Óptima estação para o tratamento das doenças pulmonares, deve a sua justificada fama á excellente situação em que se firmou—no fundo do lindo valle de Davos, que o sol banha de luz, abrigado dos ventos frios do inverno pelas montanhas que o cercam a grande altura—e ao seu clima secco e d'um ar purissimo.

Aquelle que nunca lhe pisou as ruas, sente-se tomado de admiração ao encontrar erguida no meio dos imensos Alpes, no canto mais afastado da Suíça, esta cidade de construcções grandes e modernas, de ruas largas e jardins bem cuidados, com rede completa de esgotos e de canalisações para aguas, illuminação electrica, theatros e campos para todos os sports d'inverno.

Na rua principal—Promenade—que se prolonga por dois ou tres mil metros e onde se reúne a vida da cidade, abrem-se os seus melhores estabelecimentos, um cento de lojas e armazens que vendem de tudo, e onde se encontram as coisas mais variadas: Bancos, mercearias, joalheiros e floristas, casas a mostrar joias de milhares de francos, ou a venda de flores que se pagam com moedas de ouro.

Por entre os ligeiros trenós que passam correndo e as originaes diligencias federaes, passeia, com vagar, a população de Davos; typos exquisitos dentro das malhas de lãs e dos fatos de pelles, gente de



1—A «Promenade» de Davos-Platz
2—O viaducto do caminho de Ferro de Davos a Fillsur

todas as raças, *aves de arribação* que aqui passam mezes cuidando o organismo enfraquecido, e que mal têm melhoras ou se curam, vão para longe, a dar logar a outros que chegam, vindos da America ou do Japão, da Russia ou do nosso Portugal que, apesar da sua pequenez, dá um contingente de tuberculosos bem digno de reparos.

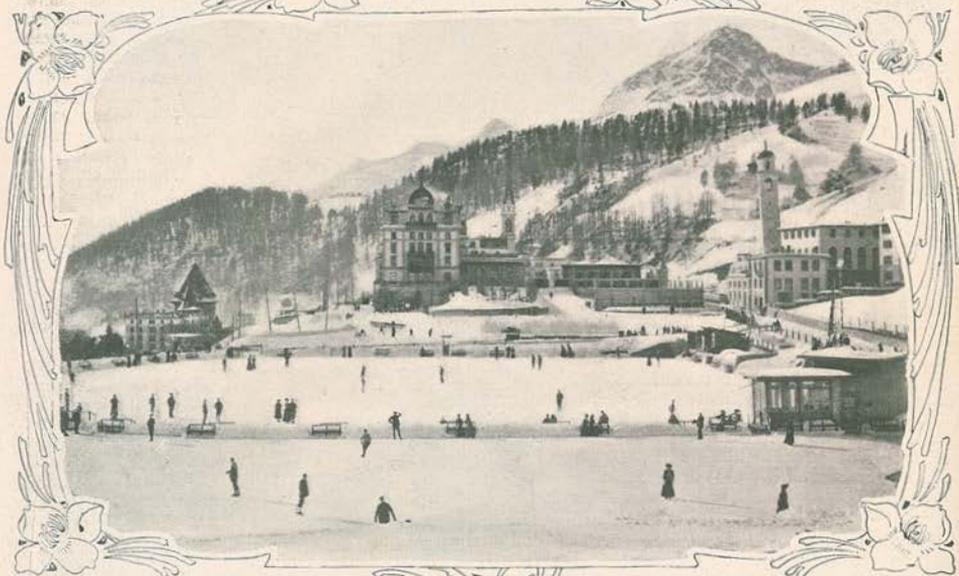
Com um movimento annual de mais de vinte mil estrangeiros que sustentam



ou da Banda que sustenta...

Vivendo unicamente da sua *industria* de tratar doentes, são os seus noventa sanatorios, hotéis e pensões, que formam a maioria das ruas de Davos, com as pequenas *villas* que alugam *appartements* mobilados, aquelles que preferirem viver sós, á vontade, como em sua casa.

Nos hotéis, construidos propositadamente para o fim a que se destinam, com os grandes *balcões de cura*, que os con-



e fazem viver a cidade, e que, nos mezes mais proprios para a *cura*, se juntam em numero superior a cinco mil, o municipio recebendo por cada um e por cada dia, os vinte e cinco centimos da *Kurtaxe*—contribuição usual nas *estações de curas*, suissas—lança annualmente nos seus cofres uns trezentos mil francos—cêrca de sessenta contos, na nossa moeda—sem contar as multas de cincoenta francos, com que castiga o passageante descuidado que cospe o tapete de neve dos caminhos. Como compensação, offerece gentilmente, no seu jardim do *Kurverein* que se abre para a *Promenade*, os concertos diarios da Orchestra

fundem aos sanatorios, encontram os doentes tudo aquillo de que necessitam para o seu regular tratamento; hotéis confortaveis e luxuosos, instalados e dirigidos com aquella *sciencia* perfeita, tão propria aos hotéis da Suissa, paiz que nas suas escolas especiaes forma hoteleiros, como na nossa

Coimbra se formam bachareis...

Mas é, quasi sempre, nos sanatorios que o tuberculoso bem avisado procura abrigo. N'estes, o regimen rigoroso a que se submete, sob a constante vigilância medica, dá-lhe muito mais probabilidades de cura de que nos hotéis, communs a doentes e a sãos, onde fica en-



1—Os terragos do sanatorio no verão
2—O rectino de patinagem em Davos-Platz
3—A fachada do Sanatorio



gadamente, respirando o ar que lhe vem das montanhas para os pulmões arruinados.

regue a si proprio, fazendo o que melhor lhe appetee, seguindo ou não as prescripções do medico que o trata.

No sanatorio o doente ou se sujeita em absoluto ao seu regimen, ou é formalmente despedido, como elemento de indisciplina e de perturbação; mas, em geral, convencido de que só um tratamento muito cheio de regularidade o pôde salvar, segue escrupulosamente o que o medico assistente lhe indica.

Assim: levantado geralmente ás sete horas da manhã, depois de friccionado fortemente com alcool, o *pensionista* não deixa perder uma das sete refeições em que alimenta o corpo enfraquecido, caminha, passo a passo, o trajecto indicado para os seus passeios regulamentares e não furta um minuto ás *curas de repouso*, feitas ao ar livre, tres ou quatro vezes durante o dia, na galleria commum ou no balcão particular, onde, estendido na cadeira de junco e mettido dentro d'um sacco de pelles de baixo d'uma multidão de mantas e cobertores, tiritá, ás vezes, sob um frio superior a vinte graus abaixo de zero! Quando o sol o aquece, adormece soce-

dade, que o serve por um *funicular*—vi-me rodeado de pessoas de bom aspecto e de boas côres, risonhas e despreoccupadas, sentadas em grupos á volta de outras mezas

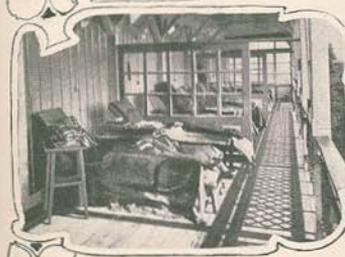
Creadas de feto preto e avental branco, serviam sob a direcção do *maitre d'hôtel*, encasacado correctamente.

Perto de mim a detonação do abrir d'uma garrafa de champagne, fez-me voltar a cabeça, a assistir ao choque de taças que brindavam...

—Não são tuberculosos, disse commigo; naturalmente pessoas sãs que os acompanham, e que podem sentir alegria, por lhes faltar coração para lamentar a doença dos seus.

Da sala de jantar passei depois ao grande *Hall Inglez*, onde n'aquella noite, depois da ceia, uma orchestra de quarenta figuras tocava um concerto offerecido aos hospedes do sanatorio

Todas as cadeiras e sophás se encheram com aquelles que eu tinha visto já. A meu lado juntava-se, novamente, o grupo que bebia champagne: dois homens e tres senhoras, vestidos cerimoniaesmente.



1—Ao sol e á neve... 2—Uma galleria de cura no sanatorio de Davos 3—Um dos passeios cobertos do Sanatorio 4—Uma galleria de cura particular no Sanatorio de Davos

—Não são doentes, repeti mais convencido; nenhum tosse, ninguém se afasta nas convulsões de uma hemoptyse... Mas, afinal, onde estão os tuberculosos?

Soube-o depois.

Todos os que me rodeavam, rindo e gracejando, como se fossem possuidores de pulmões de malhas d'aço, impetráveis aos bacillos de Koch, eram tuberculosos, que já tinham encontrado no tratamento de semanas ou de mezes, essa apparencia de saúde que gosavam. Os que eu esperava encontrar, os que mostram no rosto os estragos que lhes vão no peito, esses não appareciam, estendidos na cama, armada no balcão, ao ar livre, d'onde só sahem quando as melhoras são grandes e a sua presença deixa de causar dó; quando a febre foge e a temperatura abaixa, ou quando sobe tanto que os atrah para o cemiterio.

Tuberculosa era a dama decotada que se sentava a meu lado, casada, havia poucos dias, com o sujeito que a olhava, de dentro do seu *smoking*, tuberculoso tambem. Na minha frente, a americana esgrouviada e loura, que, por entre o carmim dos labios, fazia *flirt* com o turco penteado e perfumado como uma mulher, tratava-se ha dez mezes, e elle, que lhe deitava olhares de mel, espectadorava por dia centenas de bacillos...

O homem gordo e vermelho, enterado no fôfo d'um sophá de mollas, o pescoço cahindo em pregas sobre o collarinho baixo e branco de gomma tinha abertas, no pulmão direito, tres cavernas por onde cabia uma mão fechada!

O porteiro e o escripturario, o creado que engraxava as botas, o *commis-sionaire* e o *maître d'hôtel*, eram tuberculosos, e o jardineiro, alto e louro, que traça desenhos caprichosos sobre a rejva do jardim, fazia tambem, diariamente, a sua cura de ar e de sol!

São tuberculosos os medicos e tuberculosas as familias dos casados e as noivas dos solteiros.

Atrahidos a Davos, no interesse da sua saúde, passam de doentes a ajudantes e de ajudantes a medicos-directores dos Sanatorios, casando com alguma pensionista que trata, doente como elles, e d'onde veem filhos tuberculosos como ambos.

A cidade em peço é tuberculosa!

São victimas d'esta doença os milhares de estrangeiros que cruzam as ruas e que enchem os sanatorios e hoteis, e os que com elles commerciam ou tratam, são, como elles, tuberculosos que a doença trouxe a esta cidade e que n'ella se fixaram a tratar da vida, conservando a saúde...

Uns curados, outros a curarem-se e outros a morrer...

Apalpei-me.

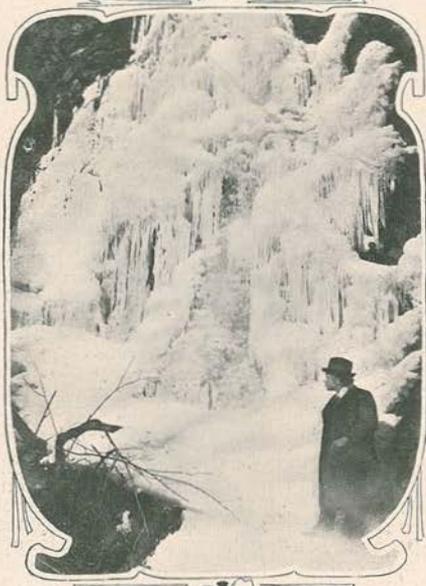
Olhei-me desconfiado, aguçando o ouvido á bulha da minha respiração:

—Eu julgo me são, mas... estarei eu tambem tuberculoso?

Davos-Platz

Fevereiro 1911

HENRIQUE BORGES.



Um effeito de res do

neve nos arre-Davos

FIGURAS E FACTOS



1—O ministro do Nicaragua, sahindo do palacio de Belem depois da cerimonia da entrega das credenciaes
2—O chefe do Governo Provisorio e o sr. ministro dos Estrangeiros sahindo do palacio de Belem

No palacio de Belem realisou-se em 10 de março a entrega das credenciaes do ministro da Republica de Nicaragua sr. Planas Suarez ao governo portuguez representado pelo presidente do conselho, dr. Theophilo Braga. Foram seguidas todas as praxes do cerimonial ultimamente posto em uso para esses actos, indo o plenipotenciario n'uma carruagem de estado com a guarda de honra d'um esquadrão de cavallaria.



3—O ministro do Nicaragua dirigindo-se em carruagem do Estado ao palacio de Belem para a cerimonia da entrega das credenciaes (Gleliês de Benoil).

4—Lopes de Oliveira, critico litterario
LOPES D'OLIVEIRA — Dos pamphletos ousados passou para a critica litteraria e os principaes vultos da nossa litteratura por elle teem sido conscienciosamente analysados, como succedeu com d'Eça de Queiroz e com Fialho d'Almeida. Iniciou agora com o livro sobre Sousa Costa a critica aos escriptores da moderna geração, trabalho que é feito com o mesmo seguro criterio posto nos estudos anteriores.

Appareceu em Paris, dirigido por Xavier de Carvalho e Camillo Froes, um novo jornal intitulado *Republique Portugaise*, cujo fim é a defeza dos interesses da nossa terra e das suas novas instituições

Esse periodico está sem duvida destinado a prestar serviços á Republica, apresentando nas suas paginas desmentidos a atoardas que constantemente se inventam sobre Portugal, restabelecendo a verdade de factos, por vezes deturpados pela imprensa estrangeira e que, d'esta maneira, ficarão corrigidos.

AUGUSTO FUSCHINI.—Faleceu em 8 de março o illustre politico e delicado artista. A sua vida como politico é marcada pela isenção; foi elle o primeiro ministro que soube escutar reclamações operarias e attendel-as, caminhando para um socialismo d'estado accentuado em todos os seus actos. Por fim, desilludido da politica, dedicou-se á reconstrução da Sé, onde operou maravilhas. Foi tal a descrença nos seus semelhantes, que a definiu assim: «Prefiro viver entre as pedras do que entre os homens.»



1—Os directores do novo jornal «La République Portugaise»,
srs. Xavier de Carvalho e Camillo Froes
2—O enterro de Augusto Fuschini: O cortejo fúnebre entrando no cemiterio
3—As operarias da Companhia dos Tabacos acompanhando
a carreta da «Voz do Operario» em que foi conduzido o cadaver
(Clichés de Benollel)

A comissão dos festejos á tripulação do *Adamastor* ofereceu-lhe um lindíssimo grupo em bronze que representa a Republica apontando ao paiz o caminho do futuro e que o escultor intitulou *Pró Patria*. E' realmente um magnifico trabalho, modelado com vigor, cheio d'arte e de symbolo e que ficará como uma excellente recordação da viagem do *Adamastor*.



1—Alberto Monsaraz

ALBERTO MONSARAZ, que no *Romper d'Alva*, seu primeiro livro de versos, se revelára um poeta distinctíssimo, acaba de afirmar-se, com o novo volume *Sol Creator*, um lyrico admiravel. Filho do grande poeta que é o conde de Monsaraz, e herdeiro das suas tradições gloriosas, o moço escriptor póde considerar-se hoje o primeiro nome litterario da geração a que pertence.

Gyrão, o pintor animalista de talento, cujas obras primas são os gallos de plumagem luzidia e variegada de cristas rubras e ares arrogantes, acaba de pintar um novo quadro onde ainda um gallo empoleirado em traves canta alegremente ao sol da victoria como se soltasse o brado de *Viva a Republica*, titulo que o artista deu ao seu trabalho.



2—«Pró Patria», grupo artistico em bronze oferecido á officialidade do «Adamastor» no Rio de Janeiro

3—«Viva a Republica» ultimo quadro do pintor Gyrão

4—A comissão das festas do Carnaval do Lyceu Camões no palco do seu theatro

Honra-se a *Ilustração Portuguesa* de expôr actualmente no seu salão a obra de uma pintora de incontestavel e já consagrado merecimento: a ex.^{ma} sr.^a D. Julia Vouga Ribeiro da Silva, considerada uma das nossas mais distinctas amadoras da pintura. Tendo estudado na Italia sob a direcção de maestros como Carlo Pizzi, de Milão, e Jorge Kinerk, de Florença, a illustre senhora é mais do que uma simples *dilettante* com quem se haja de ser, por gentileza, benevolo e amavel. Os seus quadros revelam uma indiscutivel maestria, tanto na composição como na technica.

Reserva-se a *Ilustração Portuguesa* para, no proximo numero, dar da obra da eminente artista uma mais desenvolvida noticia, acompanhada da reprodução de alguns dos quadros expostos. Mas não deixaremos passar sem um, ainda que breve registo, o exito obtido com a abertura, realisada no sabbado, da linda exposição, cujo producto reverte a favor das victimas da epidemia da Madeira.



1—A sr.^a D. Julia Vouga Ribeiro da Silva
2—O sr. dr. Antonio José d'Almeida, ministro do Interior, aclamado pelo povo á sahida da Escola Central n.^o 10

O ministro do interior assistiu em 12 de março, na escola parochial n.^o 10, na Costa do Castello, á homenagem ao capitão de artilharia Affonso Palla e que foi promovida pelas commissões parochiaes republicanas de S. Christovão e S. Lourenço. Enalteceu as qualidades do festejado, declarando ser elle uma das mais bellas figuras da revolução que enterrou a monarchia e á sahida foi saudado com palmas e vivas pelo povo que o aguardava á porta do edificio.

As commissões offereceram ao sr. capitão Affonso Palla uma placa de prata com a data da festa que se realisára e como recordação da sua influencia no movimento revolucionario.

OS INCENDIOS DE MARÇO



- 1—A fabrica de Negrellos depois do incendio
(Cliché do sr. J. C. Leite Guimarães de Felgueiras)
- 2—O incendio da fabrica de serração em Souzaeas
(Cliché do sr. Armindo Fontoura, de Coimbra)
- 3—O incendio da casa do sr. dr. Gama Pinto na rua das Talpas
(Cliché de Benollei)

• O • CONCURSO • HIPPICO • DE • • PALHAVÃ •

A festa promovida pela Sociedade Hippica realizou-se em 12 de março no Velódromo e esteve muito concorri-

da. A prova *Vencedores* foi ganha pelo tenente sr. Antonio Callado; a assistência aplaudiu entusiasmada ante a fôrma porque fez o percurso *Venceu a Omnium* o aspiran-

te D. Luiz de Souza Faroque montava o cavallo *Lamarco*, sendo classificado em segundo logar o sr. Antonio Guimarães cujo cavallo *Alvear* levou 1' 24" na prova.



1—O sr. Antonio Guimarães 2.º classificado na prova «Omnium» 2—O sr. Luiz de Souza e Faro, 1.º classificado na prova «Omnium»
3—Um aspecto geral da pista 4—Um bello salto pelo cavallo «Pol-Lad» do tenente sr. Antonio Callado que foi o primeiro classificado na prova «Vencedores»—(Clêches de Benóiel)

•A REPUBLICA BRASILEIRA LEVANTA UMA
•ESTATUA AO IMPERADOR D. PEDRO II•



1—A chegada do marechal Hermes da Fonseca para assistir á cerimonia da inauguração da estatua



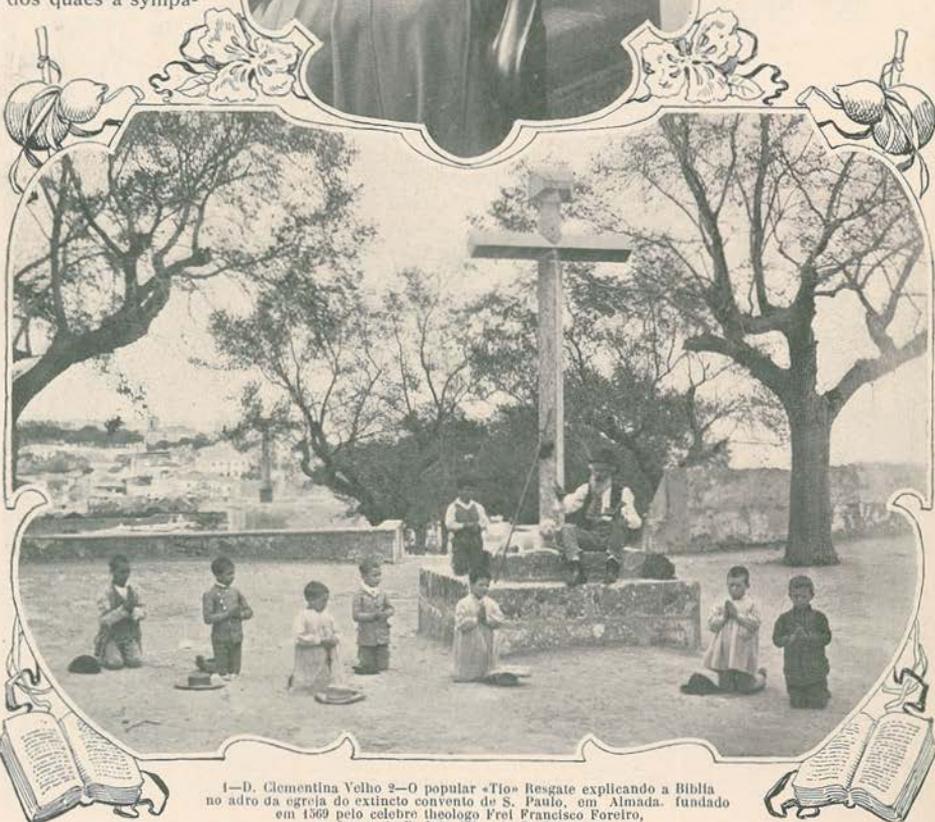
2—A estatua de D. Pedro II
(Clichés de A. Barros Lobo)

Na época que vae correndo e em que na Allemanha tanto se fala das cousas de Portugal, não fez pequena sensação a estreia, no Bechstein-Saal de Berlim, de uma artista portugueza, a sr.^a D. Clementina Ferreira Velho, que depois de ter completado os seus estudos com os grandes mestres de piano, Vianna da Motta, Thereza Carreño e Conrado Ansorge, se apresentou na noite de 21 de Dezembro ao publico exigente e á critica severissima de Berlim. O programma comprehendia trechos inspiradissimos de Bach-Bussoni, Beethoven, Chopin e Liszt, na execução dos quaes a sympha-



thica artista deu provas cabaes não só de um talento robusto, que sem esforço apparente vence as maiores difficuldades, como tambem de uma delicadeza de inte pretação, que lhe valeu uma approvação entusiastica por parte do publico selecto que enchia a sala, e prerompia em calorosos applausos.

A nossa compatriota deve estar no fim d'este mez em Lisboa, onde se demorará algum tempo, emprehendendo depois uma *tournee* artica pela America do Sul.



1—D. Clementina Velho 2—O popular «Tio» Resgate explicando a Biblia no adro da igreja do extincto convento de S. Paulo, em Almada, fundado em 1369 pelo celebre theologo Frei Francisco Foreiro, confessor de D. João III e de D. Sebastião

'A ESCOLA AGRICOLA DE SANTAREM'

A escola agricola fica a dois kilometros de Santarem, n'um campo vasto e plano onde pastam os gados e andam trabalhadores na lide. E' na antiga quinta da Gallinheira esse modelar estabelecimento onde se vão habilitando rapazes para a agricultura, da mais proficiente das maneiras.

A agricultura em Portugal foi descurada durante muito tempo; depois tornou-se difficil impôr ao lavrador o methodo scientifico do amanho dos campos. Ficára no arado primitivo com receio d'esses novos instrumentos de ferro que chegavam a rasgar a terra, receava o adubo, não queria processos novos de cultura e declarava alto e bom som que os seus avós sempre tinham trabalhado os campos por aquelle modo e por isso não careciam de intermediarios, d'esses regentes agricolas que a sahida das escolas profissionaes tinham de recorrer ao governo ou ficarem de braços cruzados deante da teima dos agricultores

Mas um dia a rotina quebrou-se; pouco a pouco foram achan-



1—Vista geral da Escola de Regentes Agricolas de Santarem
2—Uma arrecadação de alfaias agricolas na Escola de Santarem



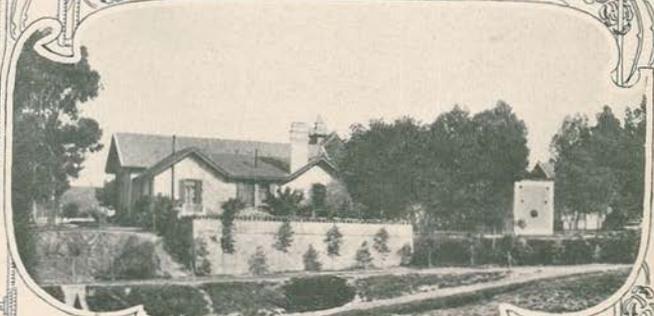
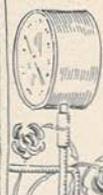
do superiores os processos novos, alguns vieram primeiro com desconfiança para logo tudo acharem espiando diante dos resultados; depois appareceram outros, sempre mais, sobretudo d'entre os grandes proprietarios desejosos de obterem com as suas terras um juro razoavel, logico e justo.

A' medida que isto se fazia ia-se desenvolvendo tambem o ensino agricola; tratava-se de modificar as escolas, mettel-as dentro de novos progressos, tornar dia a dia mais pratico o ensino e foi o que se fez. Ha muito, porém, ainda para fazer.

Na escola agricola de Santarem ha todavia já magnificas installações para esse ensino As estufas, onde as plantas tropicaes florescem exuberantemente, são dignas de attenção e valiosos elementos de estudo se tornam essas plantas que ali se desenvolvem como no seu clima proprio; as officinas de alfaias agricolas são tambem esplendidas, d'um bello aspecto e con-



1—Trabalhos no campo
pelos alumnos
3—Um aspecto lateral
do edificio
da Escola de Santarem



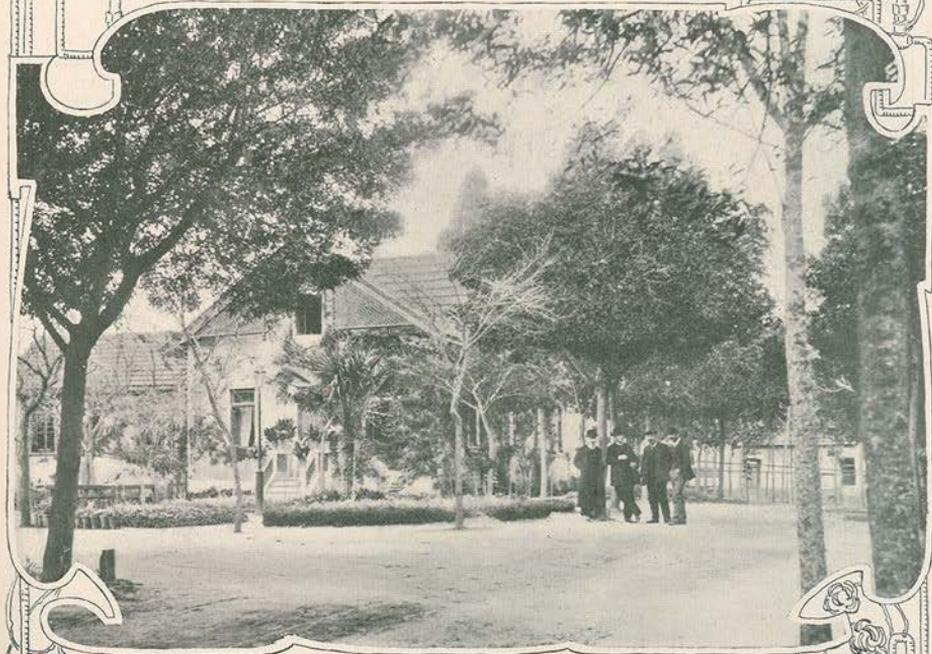
tendo tudo quanto no genero ha de mais moderno, assim como a modelar leitaria



aproveitado. Os rapazes teem com as suas aulas theoricas a immediata applicação nos campos, e é curioso vêr pelas manhãs aquelles estudantes com os chapéus desabados, cavando a terra, vendo germinar o grão, seguindo todas as phases da lavoura desde o começo a final, nos verões calmosos como nas invernias rijas. Assim aprendem e assim se habituam ás cousas do campo

que realmente é digna de uma demorada visita.
Com uma persistencia rara o ensino é ministrado da fórma mais coerente para poder ser

a essas preciosas tarefas da agricultura que é ensinada com o maior cuidado n'essa escola agricola ha dias visitada pelo ministro do fomento.
Com a nova fórma do governo e



1—O «Malmequer», touro reproductor da Escola de Santarem que pesa 1.400 kilos
2—A residencia do director da Escola

em virtude do grande numero de propriedades magnificas que entraram nos bens nacionaes, tendo pertencido ás congregações religiosas, outras escolas agricolas, de que o paiz está bem carecido, se vão crear, devendo todas moldarem-se pela organisação da que existe em Santarem e da qual teem sahido muitos dos mais distinctos regentes agricolas portugueses.

Por toda a



1—A secção de agricultura
2—A secção de lacticultura



parte a agricultura carece de incitamentos, de novos processos, de saltares iniciativas e é necessario ter gente preparada para esse renascimento de ha muito desejado e que vae agora iniciar-se.



3—Mungindo as vaccas—(Clichés da photographia Sequeira & Roque)

A DESTITUIÇÃO DO BISPO DO PORTO

O bispo da Porto, D. Antonio Barroso, mandou lér aos prelados da sua diocese uma pastoral que o governo prohibirá por haver n'ella phrases contrarias ás instituições. Adverti o o bispo declarou tel-a prohibido mas o ministerio era ao mesmo tempo informado de que essa leitura continuava. Em volta do paço episcopal o povo amotinava-se; era necessario guardar com tropas a residencia do bispo.

O ministro da justiça chamou-o então a Lisboa para responder pelos seus actos, pelas acções que praticára. Correu na capital a noticia da chegada e a «gare» do Rocio encheu-se d'uma multidão desejosa de mostrar o seu desagrado ao desobediente prelado Para o salvar d'essa manifestação deliberou-se que desembarcaria na estação de Campolide d'onde seguiria em automovel para o ministerio da justiça afim de ser interrogado. No caminho mudou-se de tenção ao saber-se que o povo para lá tambem se dirigia mas foi inutil trausformar o percurso porque a multidão, sahindo da estação do Rocio, apupou o bispo quando o automovel o conduzia á volta do Terreiro do Paço para casa do ministro da justiça. Por parecer dos procuradores da Republica D. Antonio Barroso foi destituído do seu cargo mas o governo, em attenção pelos seus serviços como missionario no Ultramar, concedeu-lhe uma pensão annual de 1.200:000 réis mandando-lhe entregar todos os seus bens particulares Depois do interrogatorio feito pelo ministro da justiça o prelado passou parte da noite no quartel general onde se recolheu sendo conduzido pela madrugada de 8 de março para o collegio de Sernache onde ficou.



1—O ex-bispo do Porto D. Antonio Barroso 2—O ex-bispo do Porto descendo do automovel á porta do sr. ministro da justiça (Clichés de Benolle)

O-ULTIMO-MINISTRO-DOS-ESTRANGEIROS-DA-MONARCHIA-PARTE-PARA-O-BRASIL



O Governo da Republica ordenou por um decreto a sahida do paiz dos srs. João d'Azevedo Coutinho, Alvaro Pinheiro Chagas e José d'Azevedo Castello Branco, o ultimo ministro dos estrangeiros da monarchia e que partiu para o Brazil em 10 de março a bordo do *Frederick August*.



1—O sr. José de Azevedo Castello Branco n'um grupo de amigos e pessoas de familia antes do embarque
2—A despedida do ultimo ministro dos estrangeiros da monarchia (Glichés de Benollet)